

AÇÃO DIRETA

SEMANÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICA

Chegará forçosamente um dia, e não está longe, em que a força que hoje supera tudo, será vencida por outra força menos brutal, porém mais persuasiva.

Louise Michel

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 15 de março de 1947

N.º 32

O Gosto da Liberdade

P. Ferreira da Silva

A liberdade, segundo o sentido mais ou menos amplo que se lhe quiser dar em relação ao estado dos povos, é uma situação natural e permanente, um ideal sonhado e inatingido ou um bem que se perdeu.

Para o homem que limita as suas aspirações àquilo que tem e goza, julgando-se independente e sem ter contas que prestar a ninguém, livre de fazer o que quer, porque não quer fazer mais do que faz, a liberdade existe na forma de coisa realizada e definitiva; para o sonhador da emancipação plena, manietado sempre dentro das peias morais e econômicas, pensamento lutando fora e acima da escravidão social, a liberdade é uma bandeira que guia as legiões do ideal e um objetivo para o qual a humanidade tem de caminhar afim de poder viver um dia com dignidade num mundo sem amos, num mundo sem fome, num mundo feliz. Mas para os que já se levantaram contra a tirania, já experimentaram a vida por sua conta, já tiveram a posse legítima da riqueza

social repartindo-a sem privilégios e foram depois violentamente despojados dessa conquista pela reação mal conformada, a liberdade é um bem que se perdeu e não pode haver outro pensamento senão o de reconquistá-la.

Estes experimentaram a liberdade, sentiram o gosto da liberdade. Como poderão viver depois novamente na escravidão?

Sobreveio à queda da monarquia espanhola um período de conquistas sociais que os trabalhadores aproveitaram, no regime republicano, para firmar alguns dos pontos capitais em que deve assentar a Revolução Social. Assim chegaram, em algumas regiões, a desenvolver seu movimento no bom sentido anarquista, e valendo-se do clima propício, em meio de novas convulsões políticas, tentativas reacionárias e fraquezas do novo regime, foram realizando o seu trabalho,

organizaram comunas, estenderam pelas regiões agrícolas a palavra da emancipação, tomaram posse da terra, trabalharam para si, foram livres, felizes, enfim!

A asa negra da reação e a ajuda do capitalismo internacional, materializada no fascismo de todos os rótulos, asfixiaram a Comunidade Anarquista que nas fecundas terras de Espanha começava a dar ao mundo o exemplo da sua grande e confortadora viabilidade. Os pioneiros que puderam escapar à fúria vingativa e exterminadora dos lacaios sanguinolentos da velha casta dominante, andam hoje por outras terras mantendo a chama da luta que não terminou. Nas cartas que escrevem aos companheiros distantes, lembram com calor a experiência feita, e insistem numa afirmação unânime: "Havemos de voltar! Voltaremos às nossas terras, livres outra vez!"

Eles tomaram o gosto da liberdade. Não podem renunciar a um bem que ninguém tem o direito de tirar ao homem.

Quasi dois decênios sofreu o povo português a opressão de uma ditadura fascista, até que o governo execrado, querendo fingir-se democrático para tentar uma retificação da sua política internacional, anunciou a liberdade de imprensa e de manifestação do pensamento. Logo o verdadeiro sentimento do povo se manifestou com tamanha impetuosidade, que o tirano, assustado, mandou a sua polícia calar novamente as bocas que gritavam, prender outra vez os que se opunham à sua doutrina de sacristia, anular os esforços de libertação e as manifestações de protesto. Tudo tornou a cair aparentemente no silêncio enganador que esconde surdos murmúrios de revolta.

Mas o povo português sentiu um pouco, também, o gosto da liberdade. Não ficou tranquilo o fascismo ibérico. Porque também os presos e os amordaçados não de voltar à praça pública para gritar a sua razão.

Quem já algum dia tirou de um ninho os passarinhos de asas tenras, incapazes de voar, sabe que eles não ficam mais dentro do ninho se ali os quiserem tornar a pôr. Atiram-se ao chão, aos trambolhões, mas não ficam. Tomaram o gosto da liberdade, e libertam-se por si, enquanto esperam as forças para o voo pleno.

A natureza é uma grande mestra, e os seus fenômenos reproduzem-se. Os povos que tomam o gosto da liberdade nunca mais renunciam a ela. Podem correr o mesmo risco dos trambolhões do passarinho implume. Criarão forças para se erguerem. Para voar por cima dos seus carrascos. Para ver o viver sem cadeias, sem fome, sem escravidão. Livres na terra livre!

Os banqueiros de Londres e Nova York protegem os seus co-associados teutões da indústria da morte

No dia 10 de agosto de 1944, reuniram-se em conferência, em Estrasburgo, no Hotel Rotshaus, os representantes das Krupp, Roechling, Masserschmidt, Rheinmetall, I. G. Farben etc, etc...

O livro azul publicado pelo departamento de Estado norte-americano menciona a nova tentativa nazista de refazimento econômico — industrial, comercial e agrícola na Argentina fascista.

No país platino, acham-se instalados poderosos trustes germânicos como "I. G. Farben", "Siemens", "Borsig", "S. A. Thissen", etc etc.

Vejam, agora, quais são os culpados diretos da reorganização da máquina industrial bélica alemã. Os trustes supramencionados foram os poderosos baluartes em que o nazismo se apoiou e onde construiu o carro marciano que haveria de fazer rodar por toda a Europa, África, Ásia e Oceania.

Dada a estreita ligação e comunhão de interesses existente entre os trustes norte-americanos e ingleses com os alemães, os banqueiros de Nova York e Londres são levados a proteger e a incentivar os seus co-associados teutões da indústria da morte cuja expressão máxima está bem definida na Internacional sangrenta que teve como capitão o sanguinário Bazil Zaarof, que, por infelicidade sua, não pôde contemplar os Himalaias de cadáveres e os Amazonas de sangue deixados como fruto da bestial ambição duma sociedade deliquescente. As ienas que se reuniram no palácio do Luxemburgo, em Paris, fize-

ram ressoar os seus uivos por todos os quadrantes da terra.

O capitalismo, personificado no Estado sem entranhas, sem coração, pretende novas sangrias; exige, para seu alimento, maiores contingentes de vítimas imoladas em holocausto à sua insaciável voracidade.

Para conseguir esse desiderato impele, em corrida louca pelo mundo, os seus diplomatas ostentando finas libréis ou exibindo vistosos fardões de general. Desde o término da sangueira, vimos assistindo às irrefreáveis disputas entre os quadrilheiros internacionais pela posse da maior parte da presa.

Os imperialismos de Londres, Paris, Moscou e Nova York, estão em formidável luta pela hegemonia do mercado mundial para, uma vez conseguida esta, imporem o consumo de artigos ao preço que a sua cobiça ditar.

Se por uma via, a burguesia tenta refazer-se, por outra está apavorada ao verificar o assédio de que se vê alvo pelos povos em revolta.

Os fascismo português e espanhol são mantidos na Península Ibérica, pela Inglaterra, Estados Unidos e Vaticano, dada a impossibilidade que se depara aos senhores da City, Wall-Street e Kremlin, de impor um governo da sua confiança aos dois respectivos povos.

Os abnegados guerrilheiros dessa península não dão quartel aos defensores das trevas medievais. O vulcão europeu está prestes a entrar em franca atividade, e quem o revela é a cratera da Península Itálica, cujo lava é

tão ameaçadora, que obriga o Papa a chamar em seu socorro todos os Spellmans do mundo e consequentemente o poderio da libra e do dólar para ver se salvam da derrocada o co-forjador das guerras: o Vaticano. O povo já compreendeu que este é o covil onde se refugiam os seus maiores inimigos. Sabe muito bem que os fascistas mais notórios acharam abrigo junto a sua mãe amantíssima a Igreja e esta o está enviando, sob o disfarce de monges, para a América do Sul.

A Casa Branca, Downing Street e, talvez, o Kremlin, estão fazendo um esforço inaudito para salvar, dum calapso certo, o antro do obscurantismo.

Este mobiliza todas as suas forças e toma posição estratégica contra os amantes da liberdade, isto é, as forças da Revolução estão-se defrontando com as da contra-revolução. A ação revolucionária do povo italiano perturbava as hostes papalinas, as expropriações que periodicamente são levadas a cabo por toda a Itália aterrorizam os gozadores de todos os matizes. É bem possível que a barca de Pedro esteja de âncoras levantadas e prestes a emprender viagem para um enorme país situado na América do Sul.

Todas as ideologias que se consagram à defesa do Estado estão em franca decomposição. Os partidos comunistas que integram ou venham a integrar o governo de qualquer nação, estão, implicitamente, em posição contrária ao proletariado, e, portanto, o povo trabalhador tem o

(Continua na 4ª pag.)

PREPARA-SE NOVA GUERRA

Telegrama publicado no *Diário de Notícias* do dia 7 de março dá-nos a opinião ambígua de Henry Wallace sobre a conferência de Moscou.

Diz Wallace: «Se cada uma das quatro potências se apresentar em Moscou pensando em vencer a próxima guerra, a conferência estará condenada ao fracasso. Por outro lado, se cada um dos problemas em jogo for debatido com o pensamento voltado para a paz e prosperidade para todos os povos da Europa, inclusive a Rússia, a reunião será coroada de êxito».

Ora, no próprio *Diário de Notícias*, exatamente na mesma página temos a confirmação de que os quatro grandes vão para a conferência pensando exclusivamente em vencer a próxima guerra.

Com efeito, outro telegrama diz: «As objeções soviéticas às propostas norte-americanas fizeram diminuir a esperança sobre o estabelecimento de imediato controle da energia atômica».

Adiante explica ter Gromiko rejeitado as estepulações americanas para o tal controle, com as seguintes afirmações:

1) A União Soviética não permitirá a agentes das Nações Unidas viajar livremente pela União Soviética à procura de atividades atômicas ilegais; 2) A Rússia não deixará a agentes internacionais intervir nas atividades atômicas soviéticas; 3) A União Soviética não desistirá de seu direito ao veto ao se procurar punir qualquer país apanhado fabricando

bombas atômicas ilegalmente; 4) A Rússia julga ser difícil, se não impossível, aceitar qualquer espécie de controle, a menos que os Estados Unidos antes se desfaçam de suas bombas atômicas.

Aliás, isso é tão normal no encenqueiro Gromiko (e em Molotov também) que podemos prever, com segurança, para qualquer problema estudado, alguma objeção, por isso ou por aquilo, da delegação russa.

Porém, ainda na mesma página, vemos declarações de Einstein que nos edificam sobre o que andam forjando os interesses sordidíssimos dos banqueiros e negociantes representados pelos grandes.

Para Einstein «somente a prevenção da guerra mediante medidas internacionais que tornem inútil e impossível a preparação bélica poderá salvar-nos das consequências das armas atômicas».

E queceu-se Einstein de especificar as tais medidas internacionais!

Quem pode garantir o cumprimento dessas medidas? As medidas assentam em tratados ou acordos. Quem impedirá o rompimento de um tratado ou acordo?

A Rússia não destrói as bombas atômicas (se é que as tem) nem seus laboratórios, enquanto os Estados Unidos não desfizerem as suas e os seus.

Estes não confiam na Rússia e a brincadeira de crianças continuará indefinidamente até que as crianças brinquem de fato.

As tais medidas internacionais não nos salvarão. Só nos salvaria a revolução social contra o capitalismo, fator único das guerras.

Conceitos sobre a Mulher

Entre a variedade de artigos e notícias boas e más de um matutino de S Paulo, dei, atraído pelo título, com este: *O Celibato feminino na Inglaterra*.

Revoltado ao terminar a leitura do mesmo, pensei transmitir nestas linhas a minha concepção sobre a mulher.

Vem de Londres a notícia de que o Dr. Alexander Wilson fundou a hedionda *Liga da mãe solteira*, alegando, para tal, a falta de população de seu país, querendo suprir, neste rasgo patriótico e imoral, a calamidade causada pela guerra, seduzindo as mulheres que, por motivos vários, deixaram de contrair matrimônio e tornar-se mãe, a entrarem para a Liga, sacrificando desta forma o princípio afetivo e sua dignidade de mulher, ou, como bem diz o articulista, prostituição regulamentada.

Não basta a Alemanha que cometeu as maiores atrocidades com as mulheres a ela submetidas. Agora, quando o mundo começa a acalantar novas esperanças, depois desta segunda guerra forjada como sempre pelos inimigos da Humanidade; agora que todos fixam os olhos no infinito do horizonte esperando nova aurora,

surge em Londres um doutor que olha a mulher como animal de procriação para preparar novos exércitos de homens, futuras vítimas da Bomba Atômica.

E' essa a missão confiada para a mulher por todos os regimes capitalistas e por todos os homens de mentalidade restrita.

A mulher não pode ser julgada objeto ou simples boneca que se expõe nos grandes salões como figurino de última moda.

A mulher não é, nem pode ser isso; ela possui predicados elevadíssimos; é preciso auxiliá-la a cultivar essas virtudes que são dignas de admiração.

Mulher! não te afastes do teatro social; tens teu papel bem definido e teus problemas estão ligados igualmente ao do homem e paralelamente a ele deves lutar.

Nessa guerra que por ora se apagou, infernal e dolorosa como as precedentes, confirmou-se teu valor; mostraste que és capaz de tudo, substituíste o homem na retaguarda; imitando Luiza Michel, combateste entre os *partigiani* da Itália, como tive oportunidade de ver, pela extinção completa do nazi-fascismo.

Esta é a tua era, era da emancipação integral.

* * *

Se nos atravéssemos a fitar o mundo afundando-nos nos séculos pretéritos, veríamos que jamais houve guerras entre homens ou povos por tratarem uns de impor aos outros verdades científicas descobertas nem particularíssimas formas de embelezar a vida.

Ao contrário, vemos que todas as guerras, todas, desde que o mundo é mundo, se travaram para imporem uns homens a outros a adoção a um deus ou a sujeição a uma lei. E' que a ciência e a arte não são guerreiras, ao passo que a religião e a política são impositivas. As primeiras idéias agrupam; as segundas distanciam. Por essas segundas estamos aqui (1); por essas segundas está o mundo em chamas.

Miguel Gimenez Igualada

(do livro *MAS ALLA DEL DOLOR*)

(1) O autoí refere-se ao campo de concentração.

FALA O SUJO...

O jesuíta Arlindo Vieira, num artigo publicado no *Correio da Manhã*, aos 22 de fevereiro, mostra abundantemente que um tradutor das *Seleções* adulterou

Levanta-te mulher e verás que não és inferior, que não és objeto, nem apenas boneca; és Mulher!

E nesta sociedade desvariada, de comodismo e mi-séria, de lutas e guerras, devemos levantar nossas vozes e, de mãos dadas, lutar pelos direitos iguais, a caminho de um mundo livre

Paschoal Borelli

cinicamente os trechos contrários à Rússia dos Soviéticos e seu regime. Ora, isso nos comunistas é normalíssimo. O interessante é o trecho final do artigo:

«Para um comunista todos os meios, ainda os mais criminosos, são lícitos e aconselháveis...»

Perguntamos nós: «Quem pregou a máxima de que os fins justificam os meios?»

Jesuíta condenando comunista!!!

Não é o caso de aplicar o ditado:

Fala o rôto do esfarapado e o sujo do mal lavado?

Bom símile

Lemos, no N.º 39 de *Umanita Nova* (29-9-46) a seguinte boa piada:

— Togliatti escreve e diz: «Porém, a verdade é que quisemos e queremos a criação de um só partido da classe operária e das classes lavradoras italianas; mas, isso implica o desaparecimento tanto do Partido Socialista Italiano, quanto do nosso nas formas atuais, para dar vida a um partido novo, no qual se realize a unidade política e daí o máximo potencial de energias políticas e sociais dos trabalhadores».

Enquanto líamos essas sinceras expressões de quem põe a unidade proletária acima dos interesses do próprio partido, caiu um gordo papamoscas na escrevania e vimo-lo cautamente aproximar-se de uma mosca meio adormecida. Conhecendo a voracidade do aranhão, gritamos-lhe:

— Desgraçado, que delito premeditas?

O papamoscas olhou-me de esguelha e solenemente respondeu:

«Disponho-me a potenciar as energias políticas e sociais, as quais pressupõem a unidade em um só corpo...»

No meu!»

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICIA

(Continuação do n.º anterior)

33 — Notícia de que consideráveis forças alemãs contratadas pela Rada Ucrâina marchavam sobre Kiev e Odessa para submeter os Ucrâinos.

44 — Em fevereiro e março de 1918 completa-se a posse das terras. Os ex-donos ficam com dois cavalos e duas vacas, charrua, semeadeira, ceifeira para seus serviços. Organizam-se as comunas sob tipo nitidamente anarquista, sem autoridade alguma.

Estabelecem-se armazéns gerais. Faz-se cozinha comum, livros, porém, todos de fazerem a sua se lhes apetece. Acordam-se programas de trabalho. Dão-se os primeiros passos para formação de escolas, trabalho difícil por falta de mestres. É preferido o sistema de Francisco Ferrer. As comunas tinham a média de 10 famílias, de 100 a 300 membros. Cada qual tinha terra e instrumentos de trabalho conforme a capacidade de produção.

Comentário de Makhnó: «Ora, no instante mesmo em que, em todas as terras libertadas, nascia o júbilo dos oprimidos; quando os trabalhadores que, por tanto tempo, haviam sido jugulados e humilhados pela desigualdade política, econômica e social começavam a afirmar-se, a compreender sua escravidão e tendiam com todas as forças a safar-se, de todo e para sempre, dessa vergonha; mal pareceu estar a ponto de consumir-se tal libertação, havendo as massas dos trabalhadores tratado dessa realização; quando a idéia de liberdade, igualdade e solidariedade entre os homens começava a penetrar, enfim, na vida mesma dos trabalhadores aniquilando assim toda veicidade de servidão nova, nesse

momento, paralelamente ao desenvolvimento dessa grande idéia de libertação, os arautos governamentais do bloco bolchevista-socialista revolucionários da esquerda, amparados na astúcia política de Lênin, desencadearam, com furor crescente, a idéia do direito de dispor o governo de Lênin da Revolução e de submeter todo o povo a esse governo como único defensor dos desejos seculares do povo: liberdade, igualdade e trabalho independente».

E adiante: «Os socialistas estatistas negligenciaram momentaneamente essa importante questão (o trabalho de Brest-Litovsk), as tempestuosas discussões que suscitava, pois outra questão mais importante se lhes antepunha: como, permanecendo eles, ante as massas trabalhadoras, pioneiros e mentores da Revolução, poderiam conseguir desfigurar a idéia mesma da Revolução social sem naufragarem antes de efetuar essas aspirações secretas; como desviar a Revolução de sua via autônoma, criadora e escravizá-la inteiramente às doutrinas estatistas decorrentes das ordens e diretrizes do Comitê Central do partido e do governo».

«Era de todo evidente, prossegue ele, que, pela orientação dada à grande Revolução russa pelos bolchevistas e soc. revol. da esquerda, não havia brecha nem para comunas agrárias autônomas, livremente organizadas nas terras conquistadas, sem nenhuma sanção do governo, nem para entrega à mão dos trabalhadores das fábricas, uzinas, tipografias e outras empresas públicas. Os atos diretos dos trabalhadores, no decorrer da grande Revolução russa, refletiam claramente suas tendências anarquistas. E era isso o

que mais espantava os socialistas-estatistas de esquerda, porque os trabalhadores das aldeias e cidades grupavam suas forças precisamente com essa tendência e se preparavam para desencadear um movimento anarquista contra a idéia mesma do Estado, afim de retirar dele suas principais funções e confiá-las a suas direções locais autônomas». (1)

35 — Assinado o tratado de Brest-Litovsk, as autoridades bolchevistas retiram suas forças da Ucrâina, deixando-a de todo entregue à Rada Ucrâina com seus aliados alemães e austríacos. Estes ocupam Kiev, e capital da Ucrâina, em março de 1918 e grande parte do país à direita do Dniepr. Desfecham então a luta contra os anarquistas da Ucrâina já revolucionada. Cai em toda a região uma nuvem de agentes, espíões, provocadores, enviados para desmoralizar o movimento anarquista e captar adesões aos contrarrevolucionários, insultavam os anarquistas chamando-lhes salteadores e ladrões. Mas, os camponeses que, durante três anos, viam a obra sólida e verdadeiramente revolucionária dos anarquistas, viajavam os provocadores.

36 — Enquanto isso, os operários das cidades, tendo compreendido o alcance da obra revolucionária anárquica, iam rapidamente adotando o ponto de vista da ação direta.

37 — Avanço das tropas alemãs, austro-húngaras e da Rada, 600.000 homens, e reforço da propaganda reacionária capita-

(1) São dignas de ler todas as considerações de Makhnó à deletéria ação travadora dos bolchevistas. Esperamos publicá-las um dia em folheto especial.

neada por Paulo Semeniuta-Riabkó que se dizia socialista revolucionário. Este faz tremenda campanha contra os anarquistas ameaçando-os com as tropas em marcha.

Os anarquistas aceitam o desafio e fazem a declaração de que não admitiriam, de então em diante, nenhum perseguidor do ideal anarquista na zona onde influíam e trabalhavam. Para mostrar não ser ameaça vã, mataram Semeniuta-Riabkó. Essa morte acalmou logo os arreganhos dos reacionários.

38 — Makhnó exige então do Comitê Revolucionário de Gulai-Pole, bolchevistas, socialistas revolucionários e anarquistas, que tomem providências sérias para que à morte de Semeniuta não se sigam as de todos os reacionários disfarçados em socialistas. Makhnó conseguiu do grupo anarquista a resolução de que, se os reacionários não praticassem nenhum ato contrarrevolucionário, eles não empregariam violência.

39 — Feito isso, entrega-se Makhnó ao relevantíssimo serviço de organizar os batalhões anarquistas para defender a região de Gulai-Pole. O grupo seguiu essa orientação mostrando, diz Makhnó, qualidades combativas de primeira ordem.

40 — As forças alemãs chegam ao Dniepr e tentam passagem. Batalhões bolchevistas e outros, autônomos, resistem. Makhnó lança um apelo à região de Gulai-Pole para organizarem um exército. O apelo tem larga repercussão e os trabalhadores afluem aos bandos. Só a cidade de Gulai-Pole dá cerca de 1500 homens.

Para obter armas, dirige-se Makhnó a Pologui onde estava

o estado maior do comandante das guardas-vermelhas de reserva, Belinkevitch. Belinkevitch quis assegurar-se do que lhe dizia Makhnó e foi com ele a Gulai-Pole.

Makhnó mostrou-lhe a comuna número 1, os campos de trabalho, depois o refeitório e o mais. Apertando a mão de Makhnó, disse-lhe o comandante: «Senti, desde o primeiro instante, grande confiança em ti, camarada Makhnó, e agora te digo que mandes, esta noite mesmo, teus homens buscar, no meu estado-maior, as armas, fuzis e metralhadoras necessárias a teus batalhões de Gulai-Pole». Foram entregues: seis canhões, dois franceses e dois russos, três mil fuzis, dois vagões de cartuchos e nove vagões de balas para os canhões.

41 — O armamento dos trabalhadores de Gulai-Pole empolgou a todos e a notícia chegou ao comandante das guardas-vermelhas em ação no Dniepr. Essas guardas estavam recuando e o comandante mandou um delegado entender-se com Makhnó. A reunião se deu na noite de 8 abril de 1918 no momento exato, conta Makhnó, em que Lênin e Trotsky discutiam no Kremlin o aniquilamento dos grupos anarquistas de Moscou e depois os de toda a Rússia. Makhnó seguiu imediatamente com o batalhão do grupo anarquista e destacamentos mais vizinhos de Alexandrovskia.

22 — As guardas-vermelhas não resistem aos alemães e recuam. Emissários da Rada Ucrâina vão a Gulai-Pole e, falsificando um telegrama de Makhnó ao batalhão anarquista, o faz recuar também.

(Continua no próximo número)

Por um sindicalismo revolucionário

A necessidade de organizar um Sindicato de Resistência de Ofícios Vários

No número anterior falamos da necessidade de os trabalhadores deixarem de lado os atuais organismos sindicais, pois consideramos que sua estrutura corporativa, centralista e viciada de burocracia, longe de ser um organismo para defesa da classe trabalhadora, se transformou num freio para as aspirações libertárias do proletariado.

Hoje exporemos a necessidade de construir um Sindicato de Ofícios Vários que represente na realidade a grande legião dos explorados. De início, o Sindicato de Ofícios Vários não é nem pode ser a última palavra sobre organização sindical, seria antes a célula mater dos futuros organismos sindicais que deverão ser organizados somente para contrapor-se aos organismos sindicais que existem na atualidade e, como demonstramos, são simples dependências do Estado e por conseguinte um freio a toda luta de melhor e de libertação social. O Sindicato de Ofícios Vários deve também antepor-se às diferentes correntes políticas que procuram acabar com a dor e com a miséria em que vivemos.

Realizando incursões no seio dos trabalhadores, os políticos de todas as cores só visam a aproveitar-se dos organismos sindicais para subir até a cúpula do poder onde (sem exceção) realizam unicamente suas aspirações de mando esquecendo-se sistematicamente dos de que se serviram para a conquista do poder.

— Como devemos os trabalhadores organizar-nos para alcançar nossa libertação?

Primeiramente devemos construir um Sindicato de Ofícios Vários, um Sindicato que agrupe indistintamente todos os trabalhadores qualquer que seja sua profissão. Uma vez que tal organismo conte com um número re-

gular de associados, deverá ser convocada uma assembléa geral, onde se discutirá a orientação do mesmo, para que o Sindicato de Ofícios Vários seja eficaz e não caia na inoperância que medra nos atuais sindicatos. O mesmo deverá ter uma orientação francamente revolucionária; seu objetivo deve ser a transformação da atual sociedade em uma sociedade de produtores livres. O Sindicato de Ofícios Vários deve ser construído sob bases federalistas; sua orientação revolucionária deve ser anti-política e anti-autoritária. E repetimos — anti-políticos, porque consideramos que, para os organismos sindicais a política é perniciosa. Pois, enquanto os trabalhadores nos distraímos em divagações políticas não conseguiremos nossa emancipação, pois que esta deve ser obra dos próprios trabalhadores, e os políticos buscam um fim diametralmente oposto: apoderarem-se do poder para realizarem suas ambições de mando, seja individual ou partidária.

Dissemos, no princípio, que o Sindicato de Ofícios Vários deve ser a célula mater dos futuros organismos sindicais. Na realidade o Sindicato de Ofícios Vários será o princípio de uma vasta organização sindical que agrupe todos os trabalhadores da cidade e do campo da região brasileira. Organizado o Sindicato de Ofícios Vários, seus membros deverão preocupar-se com a organização dos diferentes Sindicatos. Assim, por exemplo, quando o número de trabalhadores de determinado ofício, organizados no Sindicato de Ofícios Vários, seja suficiente para formar um sindicato, estes devem reunir-se e dar vida ao novo organismo, e assim sucessivamente, tendo entretanto presente que a orientação dos novos organismos deve ser idêntica, quanto ao seu objetivo revolucionário, ao do Sindicato de Ofícios

Vários. Tomaremos, ao acaso, uma determinada especialidade, para exemplificar melhor, — o ramo da construção civil. Este ramo, segundo nossa concepção do movimento operário, deve organizar-se em uma Federação de Sindicatos, os Sindicatos devem ser organizados por ofícios; exemplos: pintores, pedreiros, carpinteiros, eletricitas, estuacadores, etc. etc. Estes organismos formarão a Federação de Trabalhadores da Construção Civil. O mesmo método deve ser usado para as diferentes profissões. Organizados os Sindicatos e Federações de Ofícios, devem surgir automaticamente as «Federações Locais», que agruparão no seu seio os diferentes Sindicatos e Federações de Ofícios. Logo após a constituição destas, deve-se tratar da formação das federações de comarca e, depois, a formação de uma Central, que represente todos os trabalhadores da região brasileira, que poderia ser a «Federação Operária Regional Brasileira».

Organizado assim o movimento operário, de baixo para cima, não há o perigo de desvio, pois são os trabalhadores nos seus respectivos sindicatos, nas assembléas, os que determinarão a marcha e a orientação das federações, cujos conselhos de relações têm como único objetivo — cumprir e velar pelo fiel cumprimento das resoluções que emanam «diretamente» das assembléas sindicais.

— No próximo número, trataremos da autonomia, direitos e deveres dos sindicatos dentro das federações.

O importante neste momento é a organização dos Sindicatos de Ofícios Vários, que agrupem todos os trabalhadores que queiram lutar por sua emancipação, à margem de toda política, seja branca, verde ou vermelha.

QUETZAL

Situação na Bulgária

A brilhante revista *Universo Toulouse, França, publica, vinda de Sotia, capital da Bulgária, a seguinte carta:*

A Bulgária é hoje o centro da vasta manobra imperialista dos Soviets nos Bálcans. De fato, os comunistas se apoderaram do poder e nele, como na Rússia, servem os interesses internacionais da União Soviética.

Este novo ensaio de ditadura comunista não fez mais que confirmar o conceito que sobre os sistemas totalitários sempre tivemos. Hoje, vive a Bulgária submetida a um regime excepcional, de onde foram excluídas toda a liberdade e toda segurança individual. Montam a milhares e milhares os que se acham detidos em cárceres ou campos de concentração sendo com mais sanha perseguidos os anarquistas e o movimento operário por eles inspirado.

Toda imprensa libertária foi suprimida, pondo-se em prática a célebre frase de Lênin: «Liberdade? para a que?»

Socialistas, anarquistas, individualidades independentes, não submetidas à política da foice e do martelo, vêem arrasados seus domicílios, e famílias inteiras desaparecem, amanhecendo, completas ou em parte, nos campos de concentração ou nas prisões do Estado búlgaro.

Enquanto isso, esforçam-se os comunistas por tranquilizar os elementos da direita particularmente os agrários, respeitando-lhes os interesses e assegurando o usufruto dos mesmos e toda sorte de garantias pessoais.

Esta é a realidade da posse do poder, pelos comunistas da Bulgária. Sirva esta nova experiência para que não se deixem seduzir pelos ouropéis comunistas povos como o francês, o italiano e o grego, hoje, como o búlgaro, presas cubiçadas pela dupla rapina anglo-saxônica e soviética.

A salvação está somente na revolução social e na nova organização do mundo em bases socialistas, federalistas, libertárias.

Sofia, dezembro de 1946

B. S.

Publicações anarquistas recebidas

Alarm, editor: Harry Aronsson; redator: K. G. Olsson-Masén. Goteborg 7. Box 7069 Suécia.

Boletim informativo. Órgão da Federación de Obreros en Construcciones navales, Pedro de Mendoza 1915-21. Buenos Aires

Brand. Vetegatan, 3. Stocolmo, Suécia.

Ce qu'il faut dire. Louis Louvet. rue des Bergers, 34. Paris-15-e. França.

C. N. F. (de França). F. Carreno; 50, Allée Jean Jaurés. Toulouse. França.

Controcorrente. Editor Aldiño Feliciani. P. O: Box D Hanover Street Station, Boston 13, Mass. Estados Unidos.

Cultura proletária. Marcelino Garcia, editor. Station D. Box I. New York, 3. N. Y.

Libertad. Boletim regional de Bretaña. A. I. T. C. Cabestany, rue de Nantes, 6. Rennes. França.

L'Internationale. Organo della Federazione Libertaria Italiana. Corso Matteotti, 11, Milano. Não é anarquista e sim dissidente, com caráter parlamentar.

L'Unique — mensário de E. Armand. Cité Saint Joseph. 22. Orléans, Loire, França.

Organización Obrera. Carlos Kristof. Venezuela 3955. Buenos Aires.

Reconstrucción — Organo del M. L. E. en Gran Bretaña J. Cabaña — 159, Ledbury Road London W. 11.

Reconstruir por el socialismo y la libertad (revista de caráter anárquico). Luis Danussi Casilla de Correo 320. Buenos Aires.

Senstatano. 1. rue Fontaine au Roi Paris (11-e) França.

(Continua na 4ª pag.)

parte no grande banquete da vida.

Abel dos Santos Cabral
(da Juventude Libertaria)

Considerações sobre a paz

Os efeitos de uma guerra ainda se fazem sentir por sobre toda a superfície da terra.

Tem as rédeas do governo do mundo, o fantasma da fome e do sofrimento.

A velha Europa, ainda se mantém de pé, mas como árvore ôca, não poderá suportar outra tempestade. Sua decrepitude é evidente, sua decadência é insofismável.

A Asia se contorce ante o flagelo da guerra, os 4 cavaleiros do Apocalipse inexoravelmente varrem os restos de uma brilhante civilização.

Os Chineses ainda se digladiam por um estado social que, embora julgando ser melhor, sofre dos males de todos os estados sociais atuais.

O cancro do descrédito rói-lhes as bases; denominar um mal diferentemente não é cura-lo.

Os nacionalistas e os comunistas disputam o governo, disputam o direito de feudalizar mais uma vez a pobre China.

Mas, os "coolies", esses serão sempre os mesmos "coolies", escravos, indignos de figurar na raça humana;

vençam os comunistas ou vençam os nacionalistas.

Pois, onde há a voz da autoridade há a embriaguez do mando, e onde há a embriaguez do mando há as arbitrariedades e o parasitismo humano predomina.

Os açambarcadores, os magnatas, os forjadores de guerras governam as nações. Por trás das cortinas do teatro da política, existem forças ocultas que manobram os atos dos governos como se fossem acionadores de marionetes.

Os provocadores de guerras, hoje, mais do que nunca, se fazem sentir de maneira impressionante.

Respira-se no ar o grito de guerra, a atmosfera é pesada e de contínuas apreensões.

Há provocações por parte das grandes potências e os pequenos povos, a cada urro de guerra, estremecem de pavor ante o perigo iminente.

São os magnatas os responsáveis por tudo isso. Alimentam a guerra na China, atacam as forças nativas da Indo-China, e fornecem-lhes armas.

Sim, sobraram muitos desses mortíferos engenhos, e precisam ser vendidos; a quem?

Não importa, mesmo se necessário fôr, a seus próprios irmãos.

Agora é a corrida atômica que põe em sobressaltos o nosso cardíaco planeta.

A fome e os constantes sobressaltos serão os únicos responsáveis pela geração do porvir.

A par dos sinistros uivos de guerra ouve-se a palavra fome; fome na China, fome na India, fome na Grécia, em toda a Europa; e porque não dizer, nas Americas?

Enquanto os povos de todo o mundo se contorcem de caimbras no estômago, os açambarcadores não hesitam, não estremecem, em inutilizar um milhão de toneladas de batata.

É de comover, é de desacreditar na espécie humana aquela notícia que nos chega às mãos informando:

“Os Estados Unidos destruirão mais de um milhão de toneladas de batata para manter os altos preços”.

Em frente a covardia internacional

A Espanha sofre, e os bravos guerrilheiros libertários lutam sem descanso pela liberdade

Por Manoel Peres

Li com verdadeira emoção o manifesto que acaba de ser publicado pelo Comitê Nacional da C. T. N. e do Movimento Libertário Espanhol no exílio, verdadeiro documento de valor histórico, no qual, o organismo que ostenta a representação genuína do proletariado revolucionário espanhol, denuncia aos homens livres do mundo as torpes manobras dos magnates da política internacional para impedir que a liberdade seja restaurada na terra generosa de Ferrer Guardia, Anselmo Lorenzo e Buena Ventura Durruti

Esse manifesto é um grito de dor e de indignação partido do peito de um punhado heróico que, dentro da Espanha e nas terras muitas vezes ingratas do exílio, trabalham sem descanso para derrocarem a fatídica ditadura Franco falangista.

Com muita razão diz o Comitê Nacional num dos pontos do seu magnífico manifesto — A já célebre O. N. U., com as suas manobras e vacilações, longe de debilitar, fortalece mais ainda o regime franquista, porque os Bevin, os Molotov, os Byrnes, os Atlee, os Stalins, os Truman e tantos outros líderes das grandes potências defendem apenas os seus interesses políticos sem pensarem jamais nas amarguras em que vive o heróico povo espanhol —

Tenho neste caso o mesmo ponto de vista do Comitê de Toulouse, e recorro as palavras que, em 1938, ouvi, na Africa do Norte, de um Pivertista, dissidente do Partido Socialista Francês, pela sua passividade com relação à guerra espanhola. Afirmou este homem que, numa reunião celebrada em Paris, o fatídico Leon Blum, criador do não menos fatídico Comitê de Não Intervenção declarou solenemente. — Não nego que o triunfo do General Franco é um perigo para a França, porém maior será o perigo se triunfarem os defensores da causa republicana já que isso representaria o triunfo da Revolução Social, que iria muito longe, porque o proletariado espanhol é, na sua maioria, de tendência francamente anarquista —

Quanta infâmia encerra essa declaração de Leon Blum!

Prova de que já durante a guerra o governo francês conspirava contra a causa do povo espanhol e que se negou a entregar 40 milhões

de francos de armamentos que, de acordo com um tratado comercial assignado em maio de 1936, foram vendidos para o equipamento do exército republicano.

Essa sabotagem indigna aumentou no decurso da guerra, quando o capitalismo internacional verificou a capacidade construtiva do proletariado espanhol, que demonstrou, de forma categórica, ser possível a instauração, no mundo, do verdadeiro socialismo o qual, para os anarquistas, é o **Comunismo Libertador**, organização social de tipo federalista, que nada tem com o chamado comunismo russo. Este transforma os homens em instrumentos mecânicos ao serviço de um partido, ou de um Estado que, por ser autoritário, anula todo princípio de liberdade individual.

Esse medo da verdadeira

LIVROS NOSSOS

Rodolf Rocker — AS IDÉIAS ABSOLUTISTAS NO SOCIALISMO C\$ 15,00

acaba de sair em tradução portuguesa. Coleção: *Perspectivas* das Edições Sagitário

pedidos a *Ação Direta*. Buenos Aires 147 A 2.º Rio de Janeiro ou ao *Centro de Estudos Sociais* de S. Paulo. Caixa postal 5739.

revolução social persiste ainda, e é a causa fundamental de que o capitalismo internacional, dignamente representado na O. N. U., permita que Franco continue no poder exterminando os valores mais positivos da Espanha.

Para impedir que a Espanha faça essa revolução, que todos os espanhóis desejam, por estarem convencidos de que não existe, dentro de nenhum regime político, solução para os seus problemas, é que os homens de Londres, Paris, Moscou e Washington forjam uma coligação de republicanos, socialistas, comunistas e monárquicos espanhóis, afim de organizarem um governo que substitua Franco e não ponha em perigo o regime capitalista.

Os guerrilheiros lutam e triunfarão

Os guerrilheiros libertários que, nesta luta pela liberdade, contam também com o concurso dos seus irmãos da U. G. T., cansados já da politicagem que impera no Partido Socialista, continu-

Uma declaração da Federação Internacional das Juventudes Libertárias em França

Ruta publica a seguinte declaração que muito interessa à nossa juventude libertária.

Estimados companheiros — O curso dos acontecimentos de caráter internacional, que influem diretamente no que se convencionou chamar *questão espanhola*, vão confirmando fatalmente todos os prognósticos feitos por nós, libertários, sobre a ineficácia da atuação puramente legal e diplomática para derribar o falangismo. Até agora, só se conseguiram promessas platônicas, manifestações de adesão e condenações morais, porém a realidade trágica prova-nos que essa atuação não destruirá a ditadura que atenaza nosso povo enquanto o regime franquista contar com o apoio incondicional do capitalismo anglo-saxão.

A F. I. J. L. e o M. L. disseram e repetiram infinitas vezes que a libertação do povo espanhol tem de ser obra do esforço direto de todos os anti-fascistas espanhóis, concordes na ação direta e tenaz contra os esbirros falangistas. Sem desdenhar nenhum dos concursos e auxílios que se possam encontrar, cremos que o esforço principal há de ser produto do conjunto de vontades mancomunadas para uma ação revolucionária.

Todas as iniciativas que se possam tomar em certas esferas políticas e diplomáticas para derribar o falangismo não de estar em proporção direta do impulso e do volume que adquira a ação resistente e combativa do povo espanhol contra seus próprios verdugos.

Mas, quando se tomam, será para desvirtuar, com soluções de compromisso, o profundo sentido de justiça e reparação moral de que são merecedores os trabalhadores espanhóis.

Devemos confiar, antes de mais nada, em nós mesmos. Essa confiança, todavia, não pode ser um sentimento extático que nos leve a cruzar os braços crendo que o tempo fará sua obra e resolverá o problema que nos preocupa a todos. Essa confiança há de ser ativa e dinâmica e deve dar-nos alento e energias para intensificar todos os esforços em favor da libertação do nosso povo. Às vozes desmoralizadoras que fazem circular as mais pessimistas e sombrias versões e tentam apagar o acesso entusiasmo dos que em que pese a todas as contrariedades, estão animados de inquebrantável fé na vitória da nossa causa, devemos fazer ouvidos de mercador e intimá-las a

am lutando e triunfarão finalmente porque defendem uma causa justa e humana.

A esse homens generosos não pode faltar o nosso concurso porque eles com o seu heroísmo e abnegação defendem a nossa liberdade, a liberdade de todos os oprimidos do mundo.

Camaradas do Brasil

A Espanha é, para os trabalhadores do Mundo, o Balcão da liberdade. Auxiliemos moral e economicamente os guerrilheiros, que o seu triunfo abrirá caminho para a transformação social, para a instauração de uma **"Sociedade de Produtores Livres."**

calar-se. Aos cantos de sereia que nos falam de porvir risonho em terras longínquas, responderemos reafirmando nossa decisão de não nos afastarmos, geograficamente falando, da Espanha, para nela entrar quando chegue o momento oportuno e as circunstâncias o exijam.

Não somos homens que abandonaram o país por motivos econômicos. Fomos e somos revolucionários momentaneamente vencidos, mas que na brecha continuamos, empenhados na mesma luta que nos trouxe à situação em que atualmente nos encontramos. Temos uma dívida sagrada contraída com nossos irmãos que não puderam escapar das garras do fascismo. Se alguém se esqueceu do que foi antes, pior para ele. Dia virá em que cada qual terá de responder por seus atos ante o tribunal da consciência pública e então veremos cair muitos falsos pedestais e vir abaixo muitas guindadas personagens e personagensinhas.

Não pode existir em nosso ânimo nenhum sentimento de desmoralização nem desalento. A situação presente, longe de entibiar nossas convicções e paralisar nossas atividades, deve servir-nos de acicate para redobrá-las e favorecê-las.

Apesar das propagandas capciosas que fizeram circular os interessados em semear confusões, sabem os companheiros do interior que aqui se faz o humanamente possível para ajudá-los e que pensamos constantemente ne-

Os banqueiros de Londres e Nova York protegem...

(Continuação da 1ª pag)

indeclinável 'dever de lutar contra eles por constituírem um dos sustentáculos do criminoso sistema capitalista.

Perguntar-se-á: «Então nada se salvará dessa colossal derrocada?»

Sim, algo se salvará: o anarquismo! Este ficou de pé, austera e de pé, assistindo à corrupção dos seus maiores inimigos. A missão histórica que ela tem de cumprir é das mais espinhosas e, ao mesmo tempo, a mais nobre: a destruição do sistema capitalista, substituindo-o por uma sociedade onde os homens não se inter-devorem, onde o amor seja cultivado e na qual a miséria seja desconhecida.

Os esforços sobrehumanos que estão fazendo todos os inimigos do proletariado internacional para forçá-lo a retroceder até os pretéritos tempos em que a queima dos herejes constituia divertimento, serão vão, porque este proletariado saído do morticínio recente, com as feridas sangrando e com os olhos postos nas montanhas colossais de cadáveres, exige dos autores da sua incomensurável dor a expiação de crime tão hediondo. A uma sociedade que engendra facínoras como os do terceiro Reich com os seus campos de concentração, só resta um fim: desaparecer para bem da espécie humana. Portanto, anarquistas do mundo, mãos à obra!

Saibamos legar às gerações vindouras a delícia dum viver sem troar de canhões. Então, terá desaparecido a verdadeira causa de todas as guerras: a *monstruosa propriedade privada*.

Lutemos incessantemente para ver implantado o Anarquismo sobre a face da Terra, pois que, só assim, mereceremos o respeito de de toda a Humanidade.

Antônio Manoel Vinhais

les. Da sua parte têm toda a confiança em nós, porque sabem que não podem esperar nenhum auxílio dos que constantemente estão ajudando seus opressores.

E' dever nosso não fraudá-los em suas esperanças. A relativa liberdade que gozamos em França não nos deve conduzir a um relaxamento das energias morais, sem as quais não é possível a existência de nenhuma organização revolucionária, nem sumir-nos em um ambiente de frivolidades que nos façam olvidar os que, do outro lado dos Pirineus, afrontam diariamente, os mais graves perigos em sua luta contra a opressão.

Na F. I. J. L. não pode haver lugar para pessimismo ou desercão. Além da tarefa de ajuda à F. I. J. L. do interior, a qual havemos de intensificar continuamente, temos diante de nós um sem número de atividades no exílio que requerem o esforço de todos os jovens libertários.

Cumprir aumentar o número dos jovens filiados à F. I. J. L. redobrando nossa propaganda e ampliando nossos meios de captação; é necessário difundir nosso semanário *Ruta* para que chegue às mãos de muitos jovens que o desconhecem; devem-se intensificar as conferências e conversas de caráter cultural e ideológico para capacitar a juventude. Em resumo, temos de imprimir à nossa organização juvenil um ritmo dinâmico para que ele possa preencher sua missão educadora entre a juventude exilada.

A C. N. da F. I. J. L. em França, consciente da transcendência histórica dos momentos que vivemos, faz este apelo a todos os jovens libertários para que sejam dignos da importância desta hora única e não vacilem um só instante na luta que há de conduzir-nos ao triunfo da Revolução Social.

Viva a F. I. J. L! Viva a Anarquia!

Pelo C. N. da F. I. J. L. em França, o Secretário Oeral:

Cristobal Parra

Publicações anarquistas recebidas

Regeneración. Órgão da F.A.M. fundado por Flores Magón. E. Castrejón, apartado 9090. México. D. F.

Ruta. Juan Alcacer Place. Marango, 25, Toulouse. França.

Direct Action. Órgão da Federação anarquista de Inglaterra. Ken Hawkes (secretário). 15 Parliament Hill. London, N. W. 3.

El obrero Calderero. Secretaria: Brandsen, 736. Buenos Aires.

Era nuova. Da Federação Anarquista Italiana, Corso Principe Addone 22, Torino. Itália.

Freedom through Anarchism. Freedom Press; 27 Red Lion Street London. W. C. 1.

Germinal — Periódico da Federazione Anarchica Giuliana Tommasini Umberto, diretor. Via Cavazza 12. Trieste. Itália.

Il libertario. Semanário da Federação anárquica lombarda — Piazza G. Grandi 4, Milano, Itália.

Le Libertaire — Guai deValmy, 145 Paris (10e) França.